



## **Percepções sobre animais domésticos: o caso dos agricultores ecologistas da AECIA**

*Perceptions of Domestic Animals: The Case of Ecological Farmers of AECIA*

AZAMBUJA, Simone Portela de<sup>1</sup>; DAL SOGLIO, Fábio Kessler<sup>2</sup>; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Navisual/UFRGS, [spazambuja@gmail.com](mailto:spazambuja@gmail.com); <sup>2</sup>PGDR/UFRGS, [fabiods@ufrgs.br](mailto:fabiods@ufrgs.br); <sup>3</sup>PPGAS/UFRGS, [miriabilis@gmail.com](mailto:miriabilis@gmail.com)

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo Temático: Manejo de Agroecossistemas**

**Resumo:** O modo como as sociedades e culturas humanas vêem, pensam e imaginam a natureza é muito variável no tempo e no espaço. Os estudos ambientais fazem parte de um campo que toca profundamente o imaginário, as representações e o sistema de valores sociais, obrigando os grupos humanos a repensarem as relações entre sociedade e natureza. Escolheu-se analisar, neste estudo, o grupo de agricultores que pertencem à primeira associação de agricultores ecológicos criada no estado. A AECIA – Associação dos Agricultores Ecologistas de Ipê e Antônio Prado, foi criada em 1989, por um grupo de jovens que assumiu o desafio da agricultura ecológica e do associativismo. Através das ligações e associações que eles mantêm com os animais domésticos de seu ambiente, analisa-se a questão dos sentidos que são construídos em suas relações com a agricultura ecológica trazendo-se as mesmas para análise e reflexões de diferentes áreas do conhecimento.

**Palavras-chave:** agroecologia, animal doméstico, relações humanos-não humanos, representação.

#### **Introdução**

No presente trabalho, escolheu-se analisar o grupo de agricultores que pertencem à primeira associação de agricultores ecológicos criada no estado. A AECIA – Associação dos Agricultores Ecologistas de Ipê e Antônio Prado, foi criada em 1989, por um grupo de jovens que assumiu o desafio da agricultura ecológica e do associativismo. Esses municípios localizam-se na região da Serra do Rio Grande do Sul com predominância de descendentes de origem italiana. Através das ligações e associações que eles mantêm com os animais domésticos de seu ambiente, analisa-se a questão dos sentidos que são construídos em suas relações com a agricultura ecológica. Neste contexto, aprofundamos a questão do manejo de sistemas agroecológicos de criação animal bem como seus marcos regulatórios e diretrizes de políticas ligadas ao bem estar animal, trazendo reflexões de diferentes áreas do conhecimento.



## Metodologia

Em relação a métodos e técnicas utilizados no presente trabalho foram realizadas entrevistas semiestruturadas com todas as famílias de agricultores economicamente ativas dentro da associação. No total, foram dezesseis entrevistas executadas mediante questionário de perguntas abertas e fechadas.

Ao visitar a propriedade fazia-se o que se pode denominar como observação participante (VIANNA, 2003) anotando tudo no diário de campo (BOGDAN e BIKLEN, 1994) que, em conjunto com as entrevistas, foi utilizado com o objetivo de entender múltiplos aspectos das relações sociedade/cultura/natureza no campo das práticas ecológicas.

No tocante ao número de pessoas entrevistadas, se optou por entrevistar todas as famílias com a finalidade de que os dados obtidos no trabalho de campo permitissem uma análise mais densa das relações estabelecidas no ecossistema em que vivem e trabalham bem como a compreensão dos sistemas simbólicos e de práticas que orientam as atividades produtivas das famílias que compõe a referida associação.

## Resultados e Discussão

Segundo DAL FARRA (2003), ao afirmar reiteradas vezes que “há novos olhares em relação aos animais e que ganhou força nos últimos anos o discurso de bem-estar animal e de proteção à natureza, não pretendo dizer que ocorreu uma ruptura com a utilização dos animais e dos bens naturais como recurso para o bem-estar humano. Apenas assinalo que tais práticas que envolvem o emprego utilitário desses seres têm sido atravessadas e ‘vigiadas’ pelas sensibilidades em relação a eles” (p. 227). O mesmo autor (2003, p. 212) afirma que

*dentro das inúmeras possibilidades de representações de animal inseridas, inclusive, no discurso ecológico, nós fazemos as nossas escolhas: defendemos o cuidado dos animais que são importantes para nós, olhamos para alguns com mais interesse do que para outros, aumentamos o poder de nossas lentes de ‘curta distância’ para atingir também os animais da fauna local junto com os ícones de preservação como o panda, problematizamos a caça e, fundamentalmente, absorvemos as representações cuja ressonância com nossos valores proporcionam maior engajamento com os discursos que circulam no tecido cultural.*

No estudo realizado sobre as visões dos agricultores sobre os animais domésticos, o primeiro item analisado era sobre o tipo de criação a que eles estavam sujeitos.

Os dados se encontram na sequência:

- 25% têm todos os animais livres na propriedade;
- 25% criam, em liberdade, galinhas, vacas e gatos;
- 12,5% têm todos os animais confinados;
- 12,5% confinam porcos, mas galinhas e vacas, não;
- 12,5% confinam frangos, um deles faz comercialização;
- 6,25% têm semiconfinamento para todos os animais na propriedade;
- 6,25% têm semiconfinamento para galinhas e porcos. As vacas são livres.



Na pergunta sobre se os animais domésticos possuem livre reprodução, 69% responderam que sim, o restante apresentou as seguintes variações:

- um dos agricultores afirmou que a reprodução é controlada;
- outro relatou que sobre as vacas e porcos existe controle, mas sobre as galinhas, não;
- uma família mencionou que procura ter cria de vacas e porcos no verão;
- uma agricultora que cria somente galinhas falou que compra os pintos, por este motivo não controla a reprodução;
- um dos entrevistados disse que controla as vacas para que toda a vez que uma estiver com cria, a outra não esteja (em função do leite).

Outra questão averiguada foi se na visão deles esses animais possuíam bem-estar. Praticamente todos acreditam que seus animais domésticos possuem bem-estar, com exceção de uma família que ficou em dúvida porque seus animais se encontram confinados. Os motivos do bem-estar animal: para 44% é porque possuem alimentação. Para 37,5% é porque estão livres, soltos, em um bom espaço (com exceção dos porcos, que em todos os lugares onde são criados, estão confinados).

Na continuidade constatou-se que 25% dos agricultores afirmam que os animais possuem bem-estar animal porque eles possuem cobertas, galpão e abrigo. Para 19% dos entrevistados esse bem-estar se relaciona a “eles tem sossego” e “não apanham, não são agredidos”.

Conforme a Instrução Normativa N° 7, de 17 de maio de 1999 (em anexo), que regulamenta a produção orgânica no país,

*entende-se por bem-estar animal, permanecer o mesmo livre de dor, sofrimento, angústia e viver em um ambiente em que possa expressar proximidade com o comportamento de seu habitat original: movimentação, territorialidade, descanso e ritual reprodutivo. Além disso, cita que, o transporte, pré-abate e abate dos animais deve seguir princípios humanitários e de bem-estar animal.*

Um fato que chama a atenção na região é que os porcos são sempre confinados. Talvez seja um costume longínquo que perdura até hoje. Alguns alegam que eles “fuçam em tudo” e por este motivo fica difícil deixá-los soltos.

A última pergunta relativa a esse tema foi qual característica os agricultores consideravam importante nos animais domésticos. Dos entrevistados, 62,5% consideraram “o alimento que os mesmos produzem: dão leite, carne, ovos”, importante característica.

Outra característica citada (37,5%) foi que “alguns cuidam da casa, questão da segurança” e 25% consideram os “serviços que eles prestam dentro da propriedade (adubam as lavouras, puxam arado)” e, também 25% “o companheirismo que eles apresentam” e “a docilidade e mansidão” desses animais, e 12,5%, falam sobre a “relação de entendimento” que eles possuem com os humanos.

Estes relatos são interessantes no sentido de realçar o caráter quase humano de certos animais, “ele vem assim como se fosse uma pessoa”, e ao mesmo tempo trazendo marcas fortes de ligações de animais domésticos com certos “atributos humanos”, como a sensibilidade, a compreensão e a capacidade de interlocução.



Quanto à característica negativa (se livres): "o fato deles incomodarem quando estão livres, mexerem por tudo" (12,5%), e a positiva quando há interesse em controlar outra espécie: "o controle de população que eles fazem (gato equilibra a população de ratos)" (19%).

A tendência a um certo conceito de "utilidade" em relação aos animais domésticos, é observável não só neste depoimento, como nas estatísticas resultantes de perguntas feitas aos agricultores quando assinalam características importantes dos animais domésticos. Algumas dessas questões poderão, talvez, ser melhor compreendidas, através da lembrança de alguns processos históricos do passado da humanidade.

Dal Farra (2003) diz que o abandono da vida nômade, o início da instalação de grandes aglomerações de pessoas e a conseqüente divisão de trabalho criaram espaços culturais locais e os animais também tomaram parte nesse processo, especialmente os domésticos. O "trazer o animal para casa" compreendia, também, a sua utilização como animal de tração (boi, cavalo e outros similares). A necessidade sempre caminhou em união com a oportunidade nestes casos. Sob esse aspecto, o animal passou a ser doméstico, mas, também, e desde as civilizações mais antigas, um utilitário.

Em contraposição às religiões animistas de muitos povos indígenas, que veem cultura na natureza e natureza na cultura, a tradição judaico-cristã partiu do princípio que ao homem foi dado o domínio sobre a natureza (DIEGUES, 2000).

No início do século XX, quatro temas-chave pode caracterizar a relação animal - ser humano: a sentimentalização em relação aos animais, o papel do Estado Moderno na regulação desta relação para assegurar um comportamento "civilizado" do ser humano em relação a eles, a demanda pelos direitos dos animais e um incremento da importância dos animais nas atividades de lazer do ser humano (FRANKLIN, 1999, p. 34 apud DAL FARRA, p. 31).

Os fatores "sentimento" em relação ao abate do animal e os direitos à liberdade dele estão presentes na fala de um dos agricultores.

Num universo de dezesseis famílias, apenas duas dão nomes às vacas leiteiras. O ato de dar nome ao gado leiteiro, corriqueiro de forma geral para agricultores que trabalham com pecuária de leite, fez com que estranhassem o pequeno número de agricultores que possuem esse hábito no conjunto dos associados.

Além disso, as crenças também aparecem na entrevista de uma das famílias. Este registro se diferencia de qualquer outro do grupo e torna-se interessante por associar o gato "ao poder de descarregar energias negativas". Associações místicas e sagradas em relação aos animais, foram e são realizadas, por muitas culturas, em diferentes períodos históricos e regiões do mundo. No Antigo Egito, já havia diversas raças de cães e animais venerados, existindo, inclusive, cemitério para eles. Os gatos também eram tratados como animais sagrados naquele país e, semelhante aos cães, eram mumificados, além disso, era proibido matar estes animais domésticos. Na Índia, ainda hoje, a vaca, o elefante e o macaco são sagrados (SHELDRAKE, 1999 apud DAL FARRA, 2003). Em muitas espécies animais, nas mais diversas culturas e em diferentes regiões do planeta ocorre o mesmo.



## Conclusões

Multiplicam-se as informações científicas comprovando que a resposta dos animais ao estresse físico e psicológico, dor e sofrimento tem muito em comum com a resposta manifestada pelos humanos. Dados recentes sugerem que certos animais têm uma capacidade cognitiva desenvolvida, interagem com o ambiente de forma sofisticada, aprendendo tarefas complexas através da experiência. Animais também desenvolvem relações sociais complexas.

Quando o meio ambiente inviabiliza a manifestação de atividades comportamentais próprias da espécie, formas anormais de comportamento podem se desenvolver. A ocorrência e manutenção de comportamento estereotipado, caracterizado pela repetição de movimentos, relativamente invariáveis, sem objetivo ou função aparente é um dos indicadores de que as condições ambientais são inadequadas. Animais domésticos são sociais e o isolamento ou ruptura da estrutura social podem induzir mudanças comportamentais e neurofisiológicas (ZANELLA, 1997). Sobre o processo de domesticação animal, Tsing (2012, p.184-185) cita o seguinte:

*O excepcionalismo humano nos cega. A ciência herdou das grandes religiões monoteístas narrativas sobre a superioridade humana. Essas histórias alimentam pressupostos sobre a autonomia humana e levantam questões relacionadas ao controle, ao impacto humano e à natureza, ao invés de instigar questões sobre a interdependência das espécies. Uma das muitas limitações dessa herança é que ela nos fez imaginar as práticas de ser uma espécie (humana) como se fossem mantidas autonomamente e, assim, constantes na cultura e na história. E se imaginássemos uma natureza humana que se transformou historicamente com variadas teias de dependência entre espécies? A natureza humana é uma relação entre espécies. Longe de desafiar a genética, um recorte interespecífico para nossa espécie abre possibilidades de linhas de pesquisa tanto biológicas quanto culturais. É preciso entender mais, por exemplo, sobre as variadas teias de domesticação nas quais nós humanos nos enredamos.*

*A domesticação é geralmente compreendida como o controle humano sobre outras espécies. Que tais relações podem também transformar os humanos é algo frequentemente ignorado. Além disso, tende-se a imaginar a domesticação como uma linha divisória: ou você está do lado humano, ou do lado selvagem. Pelo fato de essa dicotomia se basear num comprometimento ideológico com a supremacia humana, ela apoia as mais incríveis fantasias, por um lado, de controle doméstico e, por outro lado, de autoprodução das espécies selvagens. Por meio dessas fantasias, as espécies domésticas são condenadas à prisão perpétua e à homogeneização genética, enquanto as espécies selvagens são “preservadas” em bancos de germoplasma enquanto suas paisagens multiespécies são destruídas. Apesar desses esforços extremos, a maioria das espécies dos dois lados da linha, incluindo os humanos, vive em complexas relações de dependência e interdependência. Prestar atenção*



a essa diversidade pode ser o início da apreciação de um modo interespecífico de ser das espécies.

Toledo e Bassols (2015, p. 236) enfatizam:

*“como uma produção social e uma ação transformativa e reprodutiva (sempre dinâmica e substituível), a diversidade é criada através da imaginação (como um plano de jogo e ação contextual) e da criatividade dos atores (como trabalho). Na produção e reprodução da diversidade está também incluída a produção da experiência. Como consequência, a perda da diversidade significa a extinção da experiência biológica e cultural, implica a erosão do ato de descobrir e a redução da criatividade. A memória biocultural representa, para a espécie humana, uma expressão da diversidade alcançada e assume um novo valor para a plena compreensão do presente e a configuração de um futuro alternativo construído sob os impulsos e inércias atuais”.*

A agricultura ecológica nasceu de um movimento que faz a tentativa de reduzir uma crise que é social, cultural, ambiental, política e econômica. Entende-se pelo termo que ela abrange um conjunto de modelos alternativos ao padrão agroindustrial de produção. Neste sentido, é importante compreender o funcionamento de sua forma de produção de maneira sistêmica.

Nesta visão, a natureza pode ser vista não só como instrumento ou recurso, mas como elemento de preservação e de recriação da vida.

Uma conjuntura social caracterizada pela valorização da mesma permitirá ao movimento agroecológico, além de maior reconhecimento social, redefinir o trabalho como uma atividade autônoma, criativa, portadora de sentido, participando igualmente de uma ruralidade cidadã e viva.

### **Referências bibliográficas**

Azambuja, Simone P. *Representações e práticas socioambientais: o caso dos agricultores ecologistas da AECIA*, 2005. 257 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. *Notas de campo*. In: BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação- uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora Ltda, 1994.

DAL FARRA, Rossano A. *Representações de animal na contemporaneidade: uma análise na mídia impressa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 320 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

DIEGUES, Antonio C. *Etnoconservação– novos rumos para a conservação da natureza*. 2. ed. São Paulo: Hucitec e Anna Blume, 2000.



TOLEDO Victor; BASSOLS, Narciso B. *A Memória Biocultural, a importância ecológica das sabedorias tradicionais*. São Paulo: Editora Expressão Popular-AS-PTA. 2015.

TSING, Anna. *Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras*. *Ilha*, 17(1), 2015 (2012)

VIANNA, H. M. *Pesquisa em Educação: a observação*. Brasília: Plano Editora, 2003.

ZANELLA, Adroaldo J. *Bem-estar animal*. In: ESCOSTEGUY, Angela, *Queridos Animais: relações humanos e animais: novas áreas profissionais sob enfoque ecológico*. Porto Alegre: LPM, 1997.